

ALOCUÇÃO PRONUNCIADA
PELO DELEGADO DE PORTUGAL (1)

(Sessão de abertura)

22-IX-1920

SENHOR PRESIDENTE:

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

É com profunda satisfação que tenho a honra de tomar a palavra nesta ilustrada assembleia e saudar tão distintos sábios que se encontram aqui reunidos, ao mesmo tempo príncipes da ciência e representantes dos povos a quem uma vez mais se deve a salvação da nossa civilização que acaba de correr o perigo de ser violentamente aniquilada.

É também para mim uma grande honra saudar em nome de Portugal, e no meu, com vivo entusiasmo, esta extraordinária civilização criada pelo génio gaulês, tão notável pelo seu heroísmo como pelo seu espírito brilhante, exactamente dêste ponto, que ao mundo merece o maior respeito, desta nobre cidade de Strasburgo, cheia de actividade científica, artística e industrial, e sobretudo de virtudes patrióticas e heróicas recordações, e que, arrancada violentamente ao coração da França, gosa finalmente de grande prazer que um filho deve sentir quando, depois de cruéis sofrimentos, volta a ter a ternura de uma mãe querida.

MEUS SENHORES: — Confio em que serei desculpado de lembrar quanto é transcendental o momento que vivemos.

A horrorosa tempestade que estalou sobre as nossas cabeças, obrigada a abater-se, refugiou-se nas cavernas, infiltrou-se por toda a parte, e continúa a ameaçar com a destruição geral.

Esta reunião manifesta pela sua constituição quanto são ainda grandes os receios, as incertezas, as feridas abertas de que se sofre.

(1) Lida em francez.

MEUS SENHORES: — São as sciências matemáticas ao mesmo tempo fonte e cúpula do saber humano. De todas as sciências, as matemáticas são as que possuem um caracter, digamos, mais cosmopolita. Pertencem sem *nuances* a todos os povos, a todas as regiões da Terra, podemos mesmo acrescentar, a todas as regiões do Universo.

As sciências matemáticas possuem o apanágio da universalidade, pertence-lhes a função de estabelecer as mais íntimas relações entre todos os povos.

Mas o que eu agora tenho empenho, em imediatamente testemunhar, é a grande satisfação que sinto por me encontrar aqui representando Portugal, pequeno quando se considera este país geométricamente pela sua extensão no antigo continente europeu, constantemente rejuvenescido, mas bem grande na Terra, nos mares e no tempo, e que conquistou uma fama indestrutível pela acção do seu povo, ao qual pertence a glória de ter adquirido para a civilização a maior parte da terra, aliando a sciência ao heroismo.

Comtudo, não seria preciso este facto para despertar os meus sentimentos de admiração e de solidariedade para com os povos que acabam de dar o mais notável exemplo de dignidade humana, demonstrando ao mesmo tempo as mais distintas qualidades de talento, de abnegação e de coragem.

Tenho sempre reconhecido a razão da nossa antiga aliança com a mais poderosa nação do mundo, a Inglaterra, aliança sustentada desde os nossos primeiros reis, que nenhum acontecimento tem conseguido atingir nem poderá destruir, tanto ela é natural.

O mar que nos une é a razão suprema desta aliança que a Inglaterra tem sempre honrado com um apoio leal e decisivo, como o demonstrou em 1899, quando a Alemanha julgou chegada a oportunidade de apoderar-se da nossa colónia de Angola, joia preciosa do nosso domínio colonial, que tão grandes sacrificios nos tem custado, e que Portugal adquiriu quando a Alemanha nem sonhava sair do seu território.

Recentemente ainda, igual pretensão da Alemanha encontrou a mesma attitude da parte da Inglaterra. Ao mesmo tempo desenvolveu-se a nossa simpatia pela França, que tendo adquirido o império intelectual do mundo, encontrou em Portugal uma admiração ilimitada, que levou o nosso país a integrar-se o mais possível no movimento que a intellectualidade franceza imprimiu à humanidade.

Para mim, estes sentimentos adquiriram especial enternecimento na intimidade com a nação franceza e, sobretudo, nas

relações afectuosas que tive a fortuna de conseguir junto dos homens eminentes que de França espalham a luz por toda a parte.

Sentimos ainda quentes êstes caminhos, êstes lugares onde o sangue humano foi derramado em ondas, como se fôsse preciso um sacrificio temeroso para resgatar as faltas humanas. Percorri-os no momento em que a luta queimava, e recordar-me-ei sempre das profundas impressões que experimentei.

Acabava de dar-se a derrocada da Rússia. Dolorosos acontecimentos tinham sido sofridos pelo valente exército italiano. A Bélgica, de quem o seu Rei, a sua Rainha e o Cardeal Mercier, nos recordam constantemente as distintas qualidades do seu povo, sofria altivamente a ocupação de quasi todo o seu território. A França era o campo da batalha mais sanguinolenta e cruel até hoje vista. Ao horror das tempestades tinham-se substituído nos mares os mais hediondos ataques que nada poupavam; e na terra, como se o ferro e o fogo não bastassem para assegurar o triunfo da destruição, tinham sido infestados os ares.

Estavamos no mês de outubro de 1917, e eu pude admirar a confiança que o povo francez tinha na vitória: estive a alguns metros das trincheiras inimigas, nas planícies da Flandres, no meio dos soldados portugueses, cheios de coragem e entusiasmo, e pude observar a confiança inexgotável do exército inglez, disposto a verter até à última gota de sangue para satisfazer os seus compromissos.

E quando regressei a Portugal, então profundamente preocupado com o futuro, no salão nobre da nossa antiga Universidade de Coimbra, cheia de elementos de todas as classes sociais, com a esperança que resulta de uma convicção bem fundamentada, pronunciei as seguintes palavras: «O triunfo dos aliados está assegurado desde a vitória do Marne».

Agora torna-se necessário refazer as regiões devastadas; a produção; o mundo intelectual, tantos anos aproveitado para destruir quando a sua missão é edificar; o mundo moral, profundamente abalado pelo violento cataclismo que no Oriente atingiu pavorosas proporções e que do Centro recebe forças.

Seria insensato desconhecer a gravidade do momento que atravessamos. Felizmente a França, que no vasto organismo humano ocupa uma posição primacial, conserva bem patentes as suas qualidades de raça, e elas nos asseguram que não temos a receiar desaparecer no caos.

Deve-se à França ter sustado a invasão dos Hunos com a batalha de Mery-sur-Seine em 451. Está ainda quente a vitória alcançada pelas raças latina e anglo saxónica, fundidas no mesmo ideal e acção. Mesmo neste momento um raio de génio, e tenho a maior satisfação em saudar daqui o homem eminente que é M. Millerand, pôs repentinamente um dique à onda caótica que pretendia trasbordar do Oriente, contando com fácil passagem pelo Centro, a qual, triunfante, atiraria com a humanidade para um abismo.

Com toda a razão podemos confiar em que estas raças privilegiadas, legítimas herdeiras da civilização greco-romana, que sempre deslumbraram o mundo com o seu génio, que tem afirmado as suas qualidades nos mais belos e delicados monumentos, que brilham nas humanidades com espíritos sublimes como Shakspeare, Dante, Bossuet, Racine, Corneille, Cervantes, Camões, que possuíram os D'Alembert, Descartes, Lagrange, Lavoisier, que dominam o firmamento com Newton e Laplace, rodeados de inumeráveis estrelas de todas as grandezas, manterão a vida tão ameaçada da humanidade, com proveito mesmo, e isso nos dará alegria, daqueles que, arrastados pela loucura, sómente pensam em tudo perturbar e destruir.

Afastado o perigo, pertence ainda à sciência contribuir para a cura definitiva, para que o espírito humano recobre a tranquilidade perdida. Sôbretudo às sciências que podem fornecer um poderoso apoio moral. Esta obra pertence especialmente às sciências mais abstratas, às matemáticas puras, que oferecem ao espírito humano um campo indefinido para as mais belas especulações; e às sciências astronómicas, que fazem gozar ao homem a contemplação do Universo, criação tão bela na simplicidade dos seus elementos fundamentais, como na infinita complexidade das suas combinações.

Tenhamos inteira confiança em que as sciências matemáticas que nos reúnem aqui, poderão desempenhar-se da sua missão moralizadora, contribuindo para nos libertarmos das baixas paixões.

Terminando, quero mais uma vez significar à nobre nação franceza e aos seus ilustres sábios, e estou certo de que interpreto os sentimentos do meu país, a minha mais íntima dedicação, e o meu profundo reconhecimento pelo acolhimento inolvidável, tão affectuoso como distinto, que nos é feito.

COSTA LOBO.